

Israel e os EUA não ganharão uma guerra contra o Irã | Carta semanal 10 (2026)



Mitra Tabrizian (Irã), *Teerã*, 2006.

As meninas da escola primária Shajarah Tayyebah, em Minab, província de Hormozgan, Irã, que foram mortas pela guerra de agressão ilegal israelense-estadunidense.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

No dia 28 de fevereiro, poucas horas depois de os negociadores afirmarem que o Irã havia aceitado muitas das exigências relativas ao seu programa nuclear, os EUA e Israel lançaram ataques contra o país. Este foi o segundo ataque desde que os EUA e Israel atacaram o Irã em junho de 2025. Ambos são ilegais, uma vez que violam a soberania do país persa, garantida pela **Carta das Nações Unidas**.

O Irã é um país soberano e, assim como os EUA, um membro fundador das Nações Unidas. Portanto, tem direito a todos os benefícios e responsabilidades da Carta da ONU. Os EUA assinaram e ratificaram o documento, o que significa que o governo estadunidense tem obrigações contratuais com a Carta e com os demais Estados-membros. Depois que o presidente George W. Bush violou a Carta ao iniciar uma guerra de agressão contra o Iraque, o presidente Donald Trump disse a Howard Stern em 16 de abril de 2004: “Acho que o Iraque foi um erro terrível. E pensar que, quando sairmos de lá, será um país democrático e agradável... Ah, me poupe!”. Trump não está seguindo o próprio conselho.



Mahmoud Pakzad (Irã), *Barbearia*, 1958.

Por que os EUA quiseram atacar o Irã, um país com quase cem milhões de habitantes e uma longa tradição de patriotismo, primeiro em 2025 e depois em 2026? Em seu último **discurso sobre o Estado da União**, Trump afirmou que o principal motivo era acreditar que o Irã possuía um programa de armas nucleares. No entanto, o Irã declarou repetidamente que não possui um programa de armas nucleares. Isso foi claramente exposto pelo aiatolá Seyed Ali Khamenei em uma *fatwa* [pronunciamento legal emitido por um especialista em lei religiosa] que ele tornou pública pela primeira vez em 2003, mas que havia sido escrita uma década antes. Nessa *fatwa*, o aiatolá Khamenei observou que os soldados iranianos sofreram com o uso ilegal de gás mostarda e outras armas químicas pelo Iraque (fornecidas pelos EUA e pela Alemanha Ocidental), e que essa experiência, aliada à sua interpretação da ética islâmica, tornava inconcebível o uso de armas de destruição em massa. Líderes iranianos reiteraram essa mesma posição.

Em seu discurso sobre o Estado da União, em 24 de fevereiro, Trump disse: “Não ouvimos as palavras *nunca teremos uma arma nuclear*”. Mas foi exatamente isso que o aiatolá Khamenei disse. Aliás, poucas horas antes do discurso de Trump, o ministro das Relações Exteriores do Irã, Seyed Abbas Araghchi, **tuitou** exatamente isso: “O Irã jamais desenvolverá uma arma nuclear sob nenhuma circunstância”. Em 17 de fevereiro, o presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, **afirmou**: “Com base na *fatwa* do Líder Supremo, do ponto de vista ideológico,

não estamos buscando armas nucleares de forma alguma, e, seja qual for a forma que desejem verificar, estamos preparados”. Ele perguntou: “Em que idioma devemos dizer que não queremos armas nucleares?”. Sua declaração, em farsi, foi traduzida para diversos idiomas. No entanto, parece que essa notícia não chegou à Casa Branca.



Sohrab Sepehri (Irã), *Sem título*, 1960s.

Em 1957, o Irã e os Estados Unidos **assinaram** o Acordo de Cooperação sobre Usos Cíveis da Energia Atômica, que permitiu aos EUA transferir tecnologia e materiais nucleares por meio do programa Átomos para a Paz, criado pelo presidente Dwight D. Eisenhower. Em 1959, o governo iraniano – então controlado pelo último xá do Irã, Mohammad Reza Pahlavi – inaugurou o **Centro de Pesquisa Nuclear de Teerã**. Alguns anos depois, os EUA forneceram ao Irã um reator nuclear térmico de 5 megawatts, projetado para a produção de radioisótopos medicinais e pesquisa científica.

Após a Revolução Iraniana de 1979, o novo governo encerrou o programa de pesquisa em energia nuclear. Após a guerra com o Iraque, que terminou em 1988, e a morte do aiatolá Ruhollah Khomeini em 1989, o Irã reiniciou seu programa de energia nuclear para geração de eletricidade, produção de isótopos medicinais e treinamento científico. Em 1995, o Irã assinou um acordo com a Rússia para reconstruir a usina nuclear de Bushehr (construída em 1975 pelos alemães ocidentais e bombardeada pelos iraquianos com informações da inteligência alemã). Autoridades iranianas reiteraram que *jamais desejariam armas nucleares*. Os Estados Unidos, por sua vez, não pareceram duvidar da afirmação iraniana ao reiniciarem seus programas de energia

nuclear para esses fins.



Farah Ossouli (Irã), *Sem título*, 2003.

Tudo mudou depois que os EUA atacaram o Afeganistão em 2001 e o Iraque em 2003, eliminando os dois adversários históricos do Irã (o Talibã e o governo de Saddam Hussein). O Irã, que antes estava cercado por seus vizinhos, agora tinha a oportunidade de construir relações com o Iraque, a Síria e o Líbano. Isso foi um choque para Washington, que não havia compreendido claramente as ramificações de suas guerras ilegais. Para isolar o Irã, o governo Bush inventou o mito das ambições nucleares iranianas e usou cinicamente a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) em sua campanha.

Bush, como frequentemente fazia, ignorou os fatos diante de si. Quais eram esses fatos?

1. Em 2007, a **Avaliação Nacional de Inteligência** da comunidade de inteligência dos EUA concluiu: “Avaliamos com alta confiança que, no outono de 2003, Teerã interrompeu seu programa de armas nucleares”. Se o Irã realmente tinha um programa de armas nucleares antes dessa data não é a questão; a CIA e outras agências concordaram que não havia programa depois de 2003.

2. Em 2011, um **relatório da AIEA** sugeriu que as ações do Irã para adquirir vários tipos de materiais (“equipamentos relacionados a armas nucleares e de uso duplo”) indicavam uma “possível dimensão militar”, mas sem nenhuma evidência. Cada uma das acusações veio com ressalvas. Parecia que a AIEA estava sob imensa pressão do governo dos EUA e de seus aliados europeus. O relatório carregava todas as marcas de influência política.
3. Em 2015, a AIEA divulgou sua *Avaliação Final sobre Questões Pendentes Passadas e Presentes Relativas ao Programa Nuclear do Irã*, escrita por seu diretor-geral, Yukiya Amano. Este relatório afirma categoricamente que não existem “indicações confiáveis” de quaisquer atividades relevantes para um dispositivo de explosão nuclear após 2009 e nenhuma evidência confiável de desvio de material nuclear para armas.
4. Em 2025, o Diretor-Geral da AIEA, Rafael Mariano Grossi, **disse** categoricamente à Al Jazeera: “Não encontramos no Irã elementos que indiquem a existência de um plano ativo e sistemático para construir uma arma nuclear”.

Não poderia haver declaração mais clara do que a de Grossi: “não encontramos”. Compare isso com a declaração do presidente Pezeshkian: “em que idioma devemos dizer que não queremos armas nucleares?”.

Não há armas nucleares no Irã. Entrar em guerra com esse pretexto é seguir o exemplo de Bush e suas “armas de destruição em massa” no Iraque. Onde estavam essas armas? Na imaginação dele.



Kazem Chalipa (Irã), *Reunião*, n. d.

Certamente, existem grandes problemas no Irã. A combinação da tentativa dos EUA e da Europa de levar a economia iraniana ao colapso e a má gestão econômica do Ministro da Economia e Finanças, Seyed Ali Madanizadeh (formado pela Universidade de Chicago), criaram sérios problemas para a classe trabalhadora iraniana. Mas o Irã não pode resolver seus problemas sem o fim da guerra híbrida imposta pelos EUA, que sufoca sua economia e seu povo.



Sarah Issakharian (Irã), *A primeira ceia*, 2016.

O povo iraniano conhece muito bem a guerra. Ela lhes foi imposta repetidamente, desde a Guerra Anglo-Persa (1856-1857) até a invasão do Iraque (1980) e a atual guerra híbrida.

No poema “Caixões sem tampa e sem corpos”, o poeta iraniano Behzad Zarrinpour (nascido em 1968) escreveu sobre o terror da guerra, um terror infligido pelo “terrível erro” de Bush. Gostaria de compartilhar com vocês um trecho desse belo e impactante poema:

O vento encheu as narinas da cidade
com o odor da destruição.
Ninguém foge do sol impiedoso

pela suavidade das muralhas instáveis.
Toalhas de mesa inóspitas estendidas,
Promessas vazias,
Estômagos que, em vez de pão,
Comem balas,
E vendedores de sal falidos
Que enviaram seus sacos de estopa
Para a frente de batalha, para serem enchidos de areia.
A língua da avó está tão atingida pelo terror
Ela não consegue se lembrar de suas orações.

Cordialmente,

Vijay